

Encontro de Pertença do grupo do Porto

Graal Porto, 13 de janeiro de 2019

“Tu és o meu filho amado.”

[uma oração construída coletivamente com pedaços e textos trazidas por cada uma,
que se foram juntando à medida que fazíamos encontro]



O tempo agora é mistério claro (pormenor)
Óleo sobre tela de João Filipe Bugalho – 2009
Imagem da capa do livro *Sombra Silêncio*, de Carlos Poças Falcão

I. Leitura do poema “Manifesto mínimo”, de Carlos Poças Falcão

Manifesto Mínimo

Neste humanismo abafa-se – e não sem um tremor
Armamo-nos dos verbos de um programa insubmisso:
Calar e apaga, desconectar, desaparecer.
Manda a democracia que falemos? Nós calamos.
Exige o espectáculo mais brilho? Apagamo-nos.
Devemos estar em rede e ao serviço? Desligamo-nos.
A Coisa Absurda chama-nos? Ah, não comparecemos!

Carlos Poças Falcão, *Sombra Silêncio*, Guimarães, Opera omnia, 2009

Partilha de leituras, interpretações, inquietações

Que “Coisa Absurda” nos chama?

II. Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial da Paz

A boa política está ao serviço da paz

1. «A paz esteja nesta casa!»

Jesus, ao enviar em missão os seus discípulos, disse-lhes: «Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: “A paz esteja nesta casa!” E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós» (Lc 10, 5-6). Oferecer a paz está no coração da missão dos discípulos de Cristo. E esta oferta é feita a todos os homens e mulheres que, no meio dos dramas e violências da história humana, esperam na paz. A «casa», de que fala Jesus, é cada família, cada comunidade, cada país, cada continente, na sua singularidade e história; antes de mais nada, é cada pessoa, sem distinção nem discriminação alguma. E é também a nossa «casa comum»: o planeta onde Deus nos colocou a morar e do qual somos chamados a cuidar com solicitude. Eis, pois, os meus votos no início do novo ano: «A paz esteja nesta casa!»

[...]

5. A boa política promove a participação dos jovens e a confiança no outro

Quando o exercício do poder político visa apenas salvaguardar os interesses de certos indivíduos privilegiados, o futuro fica comprometido e os jovens podem ser tentados pela desconfiança, por se verem condenados a permanecer à margem da sociedade, sem possibilidades de participar num projeto para o futuro. Pelo contrário, quando a política se traduz, concretamente, no encorajamento dos talentos juvenis e das vocações que requerem a sua realização, a paz propaga-se nas suas consciências e nos seus rostos. Torna-se uma confiança dinâmica, que significa «fio-me de ti e creio contigo» na possibilidade de trabalharmos juntos pelo bem comum. Por isso, a política é a favor da paz, se se expressa no reconhecimento dos carismas e capacidades de cada pessoa. «Que há de mais belo que uma mão estendida? Esta foi querida por Deus para dar e receber. Deus não a quis para matar (cf. Gn 4, 1-16), ou fazer sofrer, mas para cuidar e ajudar a viver. Juntamente com o coração e a inteligência, pode, também a mão, tornar-se um instrumento de diálogo.

Cada um pode contribuir com a própria pedra para a construção da casa comum. A vida política autêntica, que se funda no direito e num diálogo leal entre os sujeitos, renova-se com a convicção de que cada mulher, cada homem e cada geração encerram em si uma promessa que pode irradiar novas energias relacionais, intelectuais, culturais e espirituais. Uma tal confiança nunca é fácil de viver, porque as relações humanas são complexas. Nestes tempos, em particular, vivemos num clima de desconfiança que está enraizada no medo do outro e do forasteiro, na ansiedade pela perda das próprias vantagens, e manifesta-se também, infelizmente, a nível político mediante atitudes de fechamento ou nacionalismos que colocam em questão aquela fraternidade de que o nosso mundo globalizado tanto precisa. Hoje, mais do que nunca, as nossas sociedades necessitam de «artesãos da paz» que possam ser autênticos mensageiros e testemunhas de Deus Pai, que quer o bem e a felicidade da família humana.

7. Um grande projeto de paz

(...) Com efeito, a paz é fruto de um grande projeto político, que se baseia na responsabilidade mútua e na interdependência dos seres humanos. Mas é também um desafio que requer ser abraçado dia após dia. A paz é uma conversão do coração e da alma, sendo fácil reconhecer três dimensões indissociáveis desta paz interior e comunitária:

- *a paz consigo mesmo*, rejeitando a intransigência, a ira e a impaciência e – como aconselhava São Francisco de Sales – cultivando «um pouco de doçura para consigo mesmo», a fim de oferecer «um pouco de doçura aos outros»;
- *a paz com o outro*: o familiar, o amigo, o estrangeiro, o pobre, o atribulado..., tendo a ousadia do encontro, para ouvir a mensagem que traz;
- *a paz com a criação*, descobrindo a grandeza do dom de Deus e a parte de responsabilidade que compete a cada um de nós, como habitante deste mundo, cidadão e ator do futuro. (...)

Papa Francisco

Texto transcrito a partir da Folha Dominical, Ano XXIII,
n.º 1302, de 1/1/2019, da Paróquia de Castelões de Cepêda (Paredes).

Partilha de leituras, interpretações, inquietações

O Papa Francisco anuncia um programa insubmisso que nos chama. Comparecemos?

III. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas 3,15-16.21-22

Naquele tempo:

O povo estava na expectativa

e todos se perguntavam no seu íntimo

se João não seria o Messias.

Por isso, João declarou a todos:

'Eu vos batizo com água,

mas virá aquele que é mais forte do que eu.

Eu não sou digno de desamarrar

a correia de suas sandálias.

Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo.

Quando todo o povo estava sendo batizado,

Jesus também recebeu o batismo.

E, enquanto rezava, o céu se abriu

e o Espírito Santo desceu sobre Jesus

em forma visível, como pomba.

E do céu veio uma voz:

'Tu és o meu Filho amado,

em ti ponho o meu bem-querer.'

Palavra da Salvação.

Preces partilhadas em voz alta

Silêncio

Oração final

Pai Nosso

Abre-se o Céu e sobre todos derrama força, ternura, esperança

Diz João Batista (Lucas 3, 15-16.21-22): «Vem depois de mim aquele que é mais forte do que eu». Em que consiste a força de Jesus? Ele é o mais forte porque fala ao coração. Todas as outras são vozes que vêm de fora, a sua é a única que ressoa dentro da alma. E diz palavras de vida.

«Ele batizar-vos-á...» A sua força é batizar, que significa imergir o homem no oceano do Absoluto, e que seja embebido de Deus, imbuído da sua respiração, e se torne filho: a quantos o escutaram deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

A sua é uma força geradora («vim para que tenham a vida em plenitude»), força libertadora e criativa, como um vento que enche de ar as velas, um fogo que dá um calor impensado.

«Batizar-vos-á em Espírito Santo e fogo.» O respiro vital e o fogo de Deus entram dentro de mim, modelam-me a pouco e pouco, transformam pensamentos, afetos, projetos, esperanças, segundo a lei doce, exigente e serena do verdadeiro amor. E depois impelem-me a passar no mundo levando vento e fogo, levando liberdade e calor, energia e luz.

Jesus estava em oração e eis que o céu se abre. A beleza deste particular: o céu que se abre. A beleza da esperança! E nós que pensamos e agimos como se os céus se fossem fechar de novo sobre a nossa Terra. Mas os céus estão abertos, e podemos comunicar com Deus: ergue os olhos e podes escutar, fala e és escutado.

E vem uma voz do céu: «Tu és o Filho meu, o amado: em ti pus o meu comprazimento». A voz anuncia três coisas, ditas por Jesus e para cada um de nós.

«Filho» é a primeira palavra: Deus é força de geração, que como toda a semente gera segundo a própria espécie. Somos todos filhos de Deus no Filho, fragmentos de Deus no mundo, espécie da sua espécie, temos Deus no sangue e na respiração.

«Amado» é a segunda palavra. Antes que tu ajas, antes de qualquer mérito, quer tu o saibas ou não, cada dia a cada despertar, o teu nome para Deus é «amado». Imerecido amor, incondicional, unilateral, assimétrico. Amor que antecipa e que prescinde de tudo.

«Meu comprazimento» é a terceira palavra. Que na sua raiz contém a ideia de uma alegria, um prazer que Deus recebe dos seus filhos. Como se dissesse a cada um: filho meu, olho-te e sou feliz.

Se a cada manhã pudesses imaginar de novo esta cena: o céu que se abre sobre mim como um abraço, um sopro de vida e um calor que me alcançam, o Pai que me diz com ternura e força: filho, amor meu, minha alegria – ficaria muito mais sereno, estaria seguro de que a minha vida está em segurança nas suas mãos, sentir-me-ia verdadeiramente filho precioso, que vive da própria vida indestrutível e geradora.

Ermes Ronchi, In Avvenire. Trad.: Rui Jorge Martins.

Imagem: Baramée/Bigstock.com

Publicado em 11.01.2019, Pastoral da Cultura,

<https://www.snpcultura.org/abre-se-o-ceu-e-sobre-todos-derrama-forca-ternura-esperanca.html>